



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

PABLO JUAN GRECO

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-139

Entrevistado: Pablo Juan Greco

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: UFMG – Belo Horizonte/MG

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 07/06/2010

Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 32 minutos

Páginas Digitadas: 13

Catalogação: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02162/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

GRECO, Pablo Juan. *Pablo Greco (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (coordenação pedagógica); processo de capacitação: concepções pedagógicas, professores que atuaram, dificuldades em transmitir as propostas; aulas práticas com adultos; avaliação do processo de capacitação; experiência com a capacitação tele-presencial; abrangência da proposta do PST; participação do PST Universitário no núcleo da UFMG: gestão, atividades realizadas, dificuldades encontradas (renovação de convênio), estudantes que participam; importância do Programa Segundo Tempo para as políticas públicas no Brasil.

Belo Horizonte, 7 de junho de 2010. Entrevista com o professor Pablo Greco para o Projeto Garimpando Memórias – Projeto Segundo Tempo.

S.G. – Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a disponibilidade do professor Pablo Greco para conversar um pouco conosco sobre o Programa Segundo Tempo. Pablo, eu gostaria de perguntar inicialmente, se quando tu começaste a atuar no Segundo Tempo, tu já conhecias o projeto? Como foi essa tua entrada no programa?

P.G. – Eu agradeço você por ter vindo até aqui fazer a entrevista [riso]. Eu comecei no Programa Segundo Tempo praticamente na origem dele. Não posso precisar exatamente quando – eu sou ruim para datas -, mas foi por volta de 2003. Particpei, digamos assim, com a questão que sempre me preocupou: a questão pedagógica do ensino dos esportes e particularmente dos esportes coletivos. Ou seja, como é que as pessoas iriam fazer o ensino dos esportes. Esta era a minha preocupação: não se trabalhar com modelos de ensino analíticos visando rendimento ou com modelos analíticos e as desvantagens deles, etc. Então, esse foi o meu primeiro momento de participação com essa preocupação.

S.G. – Então, tu já participaste daquela reunião em Gramado que depois originou aquele livro que chamamos de “livro da capa verde”¹?

P.G. – Exatamente. Eu já participava também na época em que ainda não tínhamos os livros. Ou seja, na época em que houve este primeiro momento de discussão do programa, onde houve um momento bastante crítico em relação ao Programa Segundo Tempo por algumas questões que haviam sido publicadas pela secretaria de esportes e que não foram publicadas no livro. O primeiro de todos que não foi, se quer, o verde. Foi um anterior a esse. Eu já estava naquela época no projeto, fiz capítulos de ensino do esporte e de handebol, em 2005.

S.G. – Nesse momento já havia núcleos aqui em Belo Horizonte ou ainda não?

¹ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008.

P.G. – Não. Não saberia dizer. Eu nunca participei como coordenador de núcleos. Eu sempre participei na concepção pedagógica, na parte de consultoria do projeto, mas nunca estive como coordenador.

S.G. – Estavas mais relacionado com a formação, com a capacitação...

P.G. – Relacionado mais com a capacitação de recursos humanos. Na realidade o Segundo Tempo veio a incorporar o Estado de Minas², digamos assim. O Estado transferiu, por meio do Segundo Tempo, outros projetos que já possuía (Curumim, Bom de Escola, Bom de Bola, entre outros). Havia outros projetos sociais onde a maioria, eram ligados ao futebol. Então, quando veio o Segundo Tempo, particularmente, a Secretaria de Esportes do Estado, integrou esses projetos em um projeto único. Mas eu acho que ainda continua o Curumim para um lado e aí há outros problemas políticos.

S.G. – O primeiro processo de capacitação foi àquele presencial. Tu participaste daquele programa. Eu me lembro que foram várias viagens que o primeiro grupo fez. Tinha uma agenda grande...

P.G. – Isso. Eu participei das duas capacitações.

S.G. – Como foi essa experiência, não digo de conhecer o Brasil, porque tu já tens...

P.G. – Foi uma forma de conhecer o Brasil e foi uma forma de conhecer também as pessoas que trabalham com o ensino. Na realidade, não são eles que vão ensinar, mas, a partir deles, é que chega o ensino as crianças e jovens. Então, foi uma experiência extremamente rica e interessante, principalmente, porque a proposta pedagógica sai do normal, digamos assim, para o ensino das modalidades. Para mim, o desafio era como essas pessoas iriam entender a proposta, a concepção pedagógica da Iniciação Esportiva Universal (IEU). Eu fiz parte do grupo que dava as aulas presenciais. Fiz parte do grupo que concebeu e idealizou a proposta juntamente com o pessoal da aprendizagem motora, o Ricardo³, o Amauri⁴, o Adroaldo⁵, enfim, do grupo da concepção do Programa. Estava

² Minas Gerais.

³ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

dentro deste grupo que estava com uma concepção teórica. Mas, além da concepção, eu tive a oportunidade de ir para os cursos, fazer a capacitação e tive a oportunidade de fazer a parte prática com essas pessoas. A minha preocupação era a seguinte: a proposta tem, digamos assim, palavreado - não sei se seria o melhor termo – totalmente diferente. Por exemplo, você dizer para uma pessoa que está acostumada a trabalhar com voleibol que ela tem que fazer um trabalho de coordenação, com exercícios de pressão de tempo, que tem que trabalhar uma habilidade, por exemplo, para realizar o saque, controlar a força, observar o deslocamento. Elas olharam para mim: “Mas esse é argentino mesmo” [riso]. Além do “portunhol”, como fazer para que a pessoa entendesse o significado dos conteúdos, da proposta? Além de entendê-los, poder ver a realidade com a qual eles trabalham. Não é a mesma em São Paulo ou em outros locais. Eu estive em Campinas, no Rio⁶, em Natal e acho que no Recife. Devo ter ido a cinco ou seis lugares diferentes. Viajei bastante e cada lugar é uma realidade diferente. Realidade não somente no sentido da pessoa, onde que a pessoa trabalha, mas realidade no conhecimento de base que a pessoa tem para receber uma proposta dessa natureza. Você encontra pessoas formadas em Educação Física há muito tempo e há pouco tempo, pessoas que não tem nada a ver com a Educação Física, mas que estão no projeto, alguns coordenadores, pedagogos, etc. Então, você conseguir que eles se integrem, identifiquem e vistam a camisa, foi um desafio. Eu não sei até onde tudo isso conseguiu ser concretizado. Eu acredito que uma capacitação na forma em que ocorreu, foi pouco, principalmente, pela amplitude da proposta e por essa disparidade de conhecimento de base. Então, eu acredito que o material que se produziu na época serviu de muito apoio. Mas ele ficou escasso, pobre, para enfrentar esta realidade que se tinha ali para ser vencida.

S.G. – E o fato das aulas práticas? Para eles deve ter sido muito produtivo. Como foi essa experiência de dar aula prática para adultos que, em algumas situações, quase viram crianças?

P.G. – Veja bem, por exemplo, trabalhar uma atividade como rolar um bambolê e, simultaneamente, quicar uma bola e fazer com que as pessoas entendam que isso é um exercício que desenvolve a capacidade coordenativa para treinar a coordenação e em uma

⁴ Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira. Coordenador pedagógico do Programa Segundo Tempo.

⁵ Adroaldo Cezar Araujo Gaya. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

situação na que a coordenação é colocada sobre pressão de organização: duas coisas ao mesmo tempo; já é difícil a pessoa fazer isso e ainda tem que entender o que fazer. Pessoas que, por exemplo, não pegavam numa bola há vinte anos. E pessoas de todo tipo... Realmente, foi uma experiência... Como você colocou - magnífica, o adulto vê uma bola ou sabe que vai brincar e deixou de ser adulto. Passou a ser “pior” do que a criança de seis anos e quer ganhar o jogo. Qualquer jogo, mesmo sendo o jogo da velha.

S.G. – E esse outro tipo de capacitação que não é a presencial, mas sim a capacitação, que eu também estou fazendo parte, que é de instrumentalizar os coordenadores para eles repassarem a capacitação. Como tu tens percebido?

P.G. – Nós estamos além daquela: “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. É impossível, num primeiro momento, você pensar numa capacitação do monitor, pela quantidade de monitores que o projeto solicita e numa abrangência do tamanho de um Brasil. Então, isso é uma dificuldade operacional enorme. A vantagem de se fazer com os coordenadores se deve ao fato deles serem multiplicadores. Porém, não há dúvidas de que, como o conhecimento de base não é um conhecimento padronizado para todos, com o qual eles vão receber a proposta, cria dificuldades. Então, você não sabe com que nível de qualidade ele consegue repassar isso para os seus monitores e ainda controlar e auxiliá-los nessa nova tarefa. Por isso, eu acho que uma vez foi pouco. Não por falta de vontade das pessoas. Ao contrário, eu achei sempre que os grupos, quando você falava que tinha atividade, estavam sempre dispostos a fazer. Mas uma dificuldade de compreender, porque é uma proposta nova, diferente, e é abrangente. Eu estou falando agora sobre a parte metodológica, mas não havia somente metodologia. Havia uma parte de aprendizagem motora, do conceito e função do esporte, etc. Então, é uma quantidade muito grande de conteúdo para ser colocada e equacionada de uma vez só. Muita informação em pouco tempo. Informação que chega para pessoas que possuem conhecimentos diferentes. Às vezes, você fica muito longe ou muito abaixo das expectativas. Isso foi uma dificuldade.

S.G. – E o programa PST Universitário. Tu já estás nele desde o início? Acho que aqui em Belo Horizonte é um dos primeiros pólos.

⁶ Rio de Janeiro.

P.G. – Eu fiz parte também desta capacitação à distância. Foi aqui em Minas, em Belo Horizonte. Nós trabalhamos com uma empresa de ensino a distância. Eu fiz parte da proposta de Programa também.

S.G. – Como foi essa experiência de falar para uma câmera de televisão à distância e recebendo perguntas?

P.G. – Foi uma experiência nova. Eu nunca havia feito isso. Foi a minha primeira vez. Mas o que foi interessante é que eu fiz isso junto com a professora Siomara⁷. Então, eu não fiz uma apresentação sozinho, como foram as de outros colegas. Nós fizemos um diálogo, pelo qual um trabalhava, elaborava um pensamento e o outro dava sequência. Um se colocava em uma situação contrária ao outro. Nós conseguimos neste diálogo, chegar melhor nas pessoas em relação à quando você faz aula presencial sozinho. Eu acho que, se nas aulas presenciais nós tivéssemos também ensaiado nesta forma de diálogo, poderia ter tido melhor resultado também. Achei uma experiência extremamente interessante. Acredito que ela, do ponto de vista econômico, da gerência disto, é muito interessante, porque ela chega a todos os locais. Eu pensei que, posteriormente, isso teria sequência como, por exemplo, ações específicas para cada um dos conteúdos. As aulas gravadas em vídeos seriam distribuídas por diferentes meios eletrônicos aos monitores! Pena, pois acho que não foi feito. Então, se nós pudéssemos ter tido uma presencial do ensino do basquetebol, do voleibol, da coordenação, e, ao mesmo tempo, uma presencial deste tipo com os outros conteúdos também e mais vezes, acredito que teria sido uma boa alternativa para completar ou complementar e para dar mais arcabouço a essa proposta toda que é *muito* abrangente.

S.G. – Ela é enorme e não somente no número de pessoas envolvidas, mas também a proposta político-pedagógica que ela traz: a inclusão por meio do esporte e foi se ramificando. Eu sempre digo para o Amauri que cada vez ele está crescendo mais. Agora tem o PST Indígena, o PST Universitário. Já não me recordo de todas. São cinco vertentes. Tem também o de Necessidades Especiais...

⁷ Siomara Aparecida Silva. Universidade Federal de Ouro Preto.

P.G. – Veja bem, dentro do Segundo Tempo, nós temos a parte pedagógica, a questão histórica, política, sexo, gênero...

S.G. – A questão conceitual de inclusão...

P.G. – Sim. A questão do tema dos deficientes. A compreensão das deficiências e a integração. Então, é *muita* coisa. Então, às vezes, você não consegue que todos estejam ligados simultaneamente [palavra inaudível] para poder partir para outro conhecimento.

S.G. – Acredito que isso que comentaste é interessante. Os níveis são muito diferentes. Tem pessoas que conseguem se apropriar muito rápido disso. Provavelmente alguns alunos que saem logo do curso de educação física. Mas existem profissionais que estão muito tempo fora e que, hoje, voltam para trabalhar.

P.G. – Além de essa afinidade com determinado tema. Têm alguns que possuem alguma história de conhecimento de determinado tema, por exemplo, gênero. Têm alguns que tem no tema deficiente... Mas em geral muito heterogêneos os grupos

S.G. – Outros não têm a mínima discussão...

P.G. – Nunca havia trabalhado com deficientes. Toda a discussão sobre deficiente foi, para mim, uma novidade. Como adaptar a proposta pedagógica do IEU a essa questão também. Porque estou falando de uma questão de organizar, por exemplo, uma atividade de rolar um bambolê e quicar uma bola. E, se não tiver um braço? Se estiver com uma pessoa que possui um problema de compreensão, como eu vou resolver? Esse é o problema que solicita um conhecedor da proposta e das limitações.

S.G. – Como está sendo essa experiência com o PST Universitário aqui na UFMG⁸?

P.G. – Muito boa em todos os sentidos. Eu participei também na formulação pedagógica, numa reunião que houve em Brasília e mais duas reuniões depois. Participei desta parte da concepção do projeto. Nós tínhamos também uma professora da UNICAMP⁹...

S.G. – Maria Beatriz¹⁰ do PST Indígena?

P.G. – Isso. Então, foram reuniões, para mim, altamente produtivas, porque você sai um pouco daquela visão micro, daquele problema pedagógico e começa a ver relações disso. Para mim, foram reuniões maravilhosas do ponto de vista de crescimento profissional. Ver as coisas também dos outros ângulos. Como encaixar cada questão. Eu me interessei muito pelo projeto e tentei trazer para cá. Nunca tentei trazer o Segundo Tempo “normal”, digamos assim, por uma questão de operacionalização aqui na Escola. Para nós seria um problema muito sério e muito difícil organizar isto aqui. Eu nunca me atrevi, sempre tive medo, pois, quem tem o Segundo Tempo, realmente tem que ter muita dedicação. Aqui eu tenho outros afazeres como os da pós-graduação e não tive tempo realmente. Agora, o Segundo Tempo Universitário, desde o primeiro momento, eu me senti muito motivado, porque a UFMG não é uma Universidade que tem uma tradição de prática esportiva. É tudo ao contrário. Nós tivemos aqui Educação Física A e B, Educação Física obrigatória. Com o tempo, foi se perdendo, por diferentes motivos e situações. A coisa aqui não andou e nós paramos de ter isso. Não houve nenhuma reposição. Se você vai no centro esportivo universitário –CEU- hoje, ficará assombrada de ver que instalações nós temos, mesmo não sendo das melhores. Mas nós temos um espaço com uma piscina olímpica, uma piscina semiolímpica aquecida. Nós temos instalações e você vai e vê um clube de final de semana, onde as pessoas vão beber cerveja e comer churrasquinho e parou por aí. Não há uma prática. O nosso aluno da UFMG, se faz algo, faz no clube.

S.G. – Não há uma cultura esportiva aqui dentro.

P.G. – Aquele que tem a cultura esportiva, a mantém em seu clube. Joga e treina no seu clube. Mas não há do resto. Isso é uma coisa que a Educação Física nunca conseguiu oferecer. Nunca foi substancialmente decidida: “Agora nós vamos fazer”. Conseguimos isso com o Segundo Tempo. Demorou a aprovação do projeto. Não foi culpa do Ministério, foi culpa minha especificamente. Estava com mil coisas ao mesmo tempo e sempre falta alguma coisa na parte administrativa do projeto. Tanto que demoramos quase seis meses para ter a ordem de início. Tivemos esta ordem no final do ano passado,

⁸ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁹ Universidade Estadual de Campinas.

iniciamos e tivemos uns trezentos inscritos que foram muito difíceis de conseguir. A outra questão é que nós iniciamos com algumas atividades que achamos que as pessoas iriam gostar. Não foi o caso, por exemplo, do basquetebol. Aí nós procuramos outro tipo de atividade, fizemos uma pesquisa: “O que vocês gostariam?”. Mas aí já estávamos saindo do nosso projeto original e tivemos que mandar para reorganizar. A capoeira, por exemplo, foi incorporada. Incorporamos também a dança de salão que não estava no projeto original. No final do ano passado, nós tivemos uma entrevista com o Reitor e com o Pró-Reitor de Graduação e nós conseguimos colocar o Projeto Segundo Tempo dentro da grade de possibilidades de disciplina optativa/eletiva para os alunos. Isso foi uma coisa extremamente interessante, porque neste semestre os alunos podem ir ao Projeto Segundo Tempo e reconhecer o que estão fazendo como disciplina com carga horária para o seu curso. O problema é que tivemos mais de quinhentas pessoas solicitando e temos apenas trezentas vagas. Agora, o grande problema é que nós não temos continuidade no próximo semestre, porque nós só podemos atender esta quantidade de pessoas porque fazemos a orientação dos monitores e temos um sistema de avaliação. Cada uma das modalidades que se oferece, tem um sistema de avaliação para que seja válido como disciplina. Então, nós temos hoje uma prática esportiva com uma avaliação e com um sistema desenvolvido para o controle da presença, mas também mais como uma disciplina acadêmica. Portanto, não é somente vir e praticar esporte. Tem uma mudança no conceito bastante interessante e que achei bastante produtiva. Por exemplo, na disciplina de voleibol estão sendo apresentados pelos alunos, em cada aula, trabalhos sobre a história do voleibol, sobre as regras. Então, não é somente os exercícios da Escola da Bola para trabalhar a coordenação para jogar voleibol, os jogos pré-desportivos. Além disso, temos um conteúdo. No handebol, por exemplo, você viu que estão filmando as aulas, porque no final haverá alguns trabalhos de monografia de final de curso fazendo uma análise de como foi o projeto pedagógico. Uma coisa é como você coloca no papel, mas como é que ele se concretiza? Então, nós temos alunos-monitores que estão filmando as aulas e alunos que vão fazer a monografia analisando as aulas e o tempo das atividades. Nós vamos saber qual foi o método empregado e qual o resultado deste método, porque nós fizemos pré-testes e vamos fazer pós-testes no final e ver a diferença no processo de aprendizagem individual e do grupo e se o método realmente conseguiu produzir ou não produzir efeito. Então, nós temos um controle pedagógico bastante interessante. Temos alguns testes de conhecimento tático que

¹⁰ Maria Beatriz Rocha Ferreira. Universidade Estadual de Campinas.

foram realizados no primeiro dia: quanto que o aluno conhece de técnica e de tática nessa modalidade. E agora nós vamos aplicá-lo no final e vamos saber se houve diferença não somente no saber fazer, porque às vezes o tempo é curto, mas também no entender a modalidade, compreender a parte tática da modalidade. Então, alguns procedimentos para cada modalidade, como handebol, basquete, vôlei, futsal e dança de salão que, por exemplo, não possui teste prático, mas que fizemos um teste de coordenação. Estamos procurando formas de avaliar para ver o resultado deste projeto. É uma pena que o semestre finaliza agora em julho e nosso projeto vai até agosto. Então, vamos iniciar agosto oferecendo novamente o projeto, mas não sei se vamos ter sequência. Vamos pedir a prorrogação, a renovação, mas eu não sei se teremos esta renovação.

S.G. – Isso é uma coisa que a Gianna¹¹ tem apontado como um dos problemas do Segundo Tempo: esta questão da renovação. Existe o convênio, ele acaba, às vezes, a entidade não renova e aquele trabalho se perde um pouco, porque a ideia seria transformar numa política de Estado para exatamente poder ter a continuidade.

P.G. – Mas seria muito grave se nós pararmos, porque nós conseguimos sensibilizar a comunidade, os estudantes da UFMG que tem uma prática esportiva, cujo objetivo não é somente fazer a prática esportiva, mas também promover um momento social. Por exemplo, o grupo de danças já se reuniu várias vezes num bar para se juntar. O grupo do vôlei já se reuniu num churrasco na casa de alguém. Então, o projeto em si possui outras questões que escapam daquilo que é somente a prática do esporte, a parte específica. Mas nós não temos condições hoje. Por exemplo, dos três coordenadores de núcleo que temos, dois já se aposentaram. Então, eles poderão continuar coordenando o Projeto Segundo Tempo? Sim. Mas eles não vão poder ser professores caso tenhamos oferta como disciplina. Aí já nos cria um problema burocrático para resolvermos. Porque o problema que estamos tendo hoje na Escola é o seguinte: eu tenho hoje, quatorze horas/aula por semana. Se eu maximizar, eu posso ter dezesseis. Mas, se eu não possuo colegas no departamento que consigam ter menos de doze horas/aula, mesmo todo mundo maximizando, nós não atendemos a demanda toda. Então, não temos pessoal, recursos

¹¹ Gianna Lepre Perim. Diretora do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

humanos. Nós precisamos ter então, os monitores. Mas como eu vou ter um monitor se eu não tenho a bolsa.

S.G. – Claro. Vira uma bola de neve.

P.G. – Sim, uma bola de neve que hoje eu estou muito preocupado com o que vai acontecer com ela.

S.G. – Pablo, e hoje, tem estudantes de vários cursos?

P.G. – Sim. Veja bem, no handebol as terças e quintas, das dezesseis às dezessete e trinta, tem gente que chega dezesseis e trinta, não chega às dezesseis horas, porque está saindo da aula de física. Então, tem gente da engenharia, da fisioterapia, da medicina, tem muitos alunos da educação física que estão aproveitando para ter uma prática diferente daquela da disciplina do curso. Por exemplo, o handebol que fazemos no Segundo Tempo não é o mesmo que fazemos na disciplina. Então, 20% ou 30% dos alunos que hoje estão no Segundo Tempo são da educação física. Eu possuo três alunos da medicina que vem do centro. Imagina o sujeito que acaba a aula no centro da cidade, vem para cá (30 minutos no mínimo de ônibus) para fazer a prática e volta para casa, que eu não sei onde mora. Valoriza muito esse espaço. Passou a ser importante para eles e vêm porque gostam de handebol. A primeira coisa que disse para eles quando chegaram foi o seguinte: “Nós vamos jogar handebol, mas não vamos formar uma equipe. Não vamos competir”. Eles falaram assim: “Então, não é handebol. O que nós vamos fazer?”. Quando eles começaram a ver que tem atividades de coordenação, jogos, brincadeiras e que também tem handebol, começam a entender o handebol de uma forma diferente. Vieram aqui com aquele conceito de treinar handebol, com aquele modelo clássico de jogo de handebol: “Vou fazer agora exercícios de lançamento, de passe e depois vamos jogar”. Não tem nada disso.

S.G. – E, em relação à dança de salão. Eu fiquei curiosa. Têm homens e mulheres, alunos e alunas?

P.G. – Sim. Nós estávamos com um problema sério – eu não consegui ainda me organizar – que era o seguinte: estamos com poucos homens e eu estou precisando de mais homens.

S.G. – Eu imaginei. Tem que conseguir os pares.

P.G. – Nós estamos conseguindo muitos pares. Outra coisa interessante: nós começamos com o Projeto Segundo Tempo aqui. Nós temos duas moradias da Universidade que ficam próximas. Tem transporte interno que leva e traz os alunos da moradia. O pessoal da moradia nos procurou exatamente para oferecer o Segundo Tempo lá. Então, aquelas coisas que fazemos: “Chuta no escuro”. Nós temos hoje três monitores pagos com bolsa pela Fundação de Apoio Mendes Pimentel, a FUMP. Não estão dentro do Projeto Segundo Tempo, mas foram preparados no Projeto Segundo Tempo, fazendo o projeto lá, oferecendo dança e capoeira. Possuem quatro grupos de dança e um ou dois de capoeira. Mas quem está pagando a bolsa desses monitores é a Fundação Mendes Pimentel¹² que atende os alunos carentes aqui da Universidade. Então, conseguimos pôr eles e aumentamos o número de bolsistas dentro do projeto. A concepção é a do Segundo Tempo, mas organizadas e com bolsas de lá. Isso vai continuar no próximo semestre, porque a bolsa...

S.G. – Fica a renovação do convênio com o Ministério...

P.G. – Sim, e a bolsa deles é fixa pela Universidade e de semestre em semestre tem que ser renovada. Então, foi um avanço para nós, porque conseguimos sair das fronteiras da Escola. Foi bom.

S.G. – Pablo, tu que estás no projeto desde o início, como tu vê a importância deste projeto para as políticas públicas no Brasil em relação aos esportes?

P.G. – É difícil de falar, porque, quando eu penso nele, eu realmente me emociono muito. Eu imagino uma criança carente no meio do mato com uma população onde não há nenhuma possibilidade de acesso e crescimento social.

S.G. – Isso já fala tudo no programa. Está correto.

¹² Fundação Universitária Mendes Pimentel.

P.G. – Ou seja, se o projeto morrer por algum motivo, você tira a possibilidade de muita gente hoje. E não estou pensando que eles possam ir somente pelo lanche. Mas, mesmo sendo por isso, já é um motivo.

S.G. – Mas não é somente por isso. Pelo o que temos visto nos relatos das crianças, não é somente por isso.

P.G. – Não. Não é. Agora, se em definitiva por alguma exceção ser reduzida a isso, já é um avanço. Então, é um projeto que de alguma forma tem que virar uma política de Estado. Acredito que é um projeto que tem que ser trabalhado em parceria com os outros dois Ministérios: o Ministério de Educação, porque esta proposta também é útil para o ensino dos esportes na escola...

S.G. – Que seria o “Mais Educação”¹³ que já representa um avanço deste projeto que vai atingir um público imenso.

P.G. – Sim. Um avanço bastante importante. Mas nós precisamos, neste momento, no “Mais Educação”, consolidar a proposta pedagógica. Acredito que a questão dos conteúdos da forma em que são trabalhados. O gênero, o conceito, a parte pedagógica. Isso tem que ser muito mais trabalhado, muito mais divulgado e consolidado. Acho que precisamos realmente estabelecer um patamar de conhecimento e consolidá-lo para que o projeto tenha resultado e seja um sucesso que já possui, mas um sucesso que ele merece ter. Acho que seria interessante. Acredito que o outro Ministério que tem que entrar seria o Ministério da Saúde, porque, queira ou não queira, nós vamos de alguma forma estar trabalhando com esse sistema. Eu não sei se poderia ter também o Ministério de Ação Social, mas, de repente, ele também poderia se integrar, principalmente, pelos casos dos grupos, como os indígenas.

S.G. – Claro. Pelas especificidades que agora o programa está trazendo.

¹³ Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação.

P.G. – Acho que aí ele poderia, dependendo como for, estar dando suporte, um apoio, etc. Mas eu não tenho dúvidas de que ele não pode parar. Seria, digamos assim, você ter dado a bala e, uma vez que acabou o pirulito, acabou a festa de aniversário.

S.G. - Não se espera que isso aconteça. Pablo, gostaria de te agradecer imensamente. Não sei se tu queres dizer mais alguma coisa, mas dizer que agradeço a tua participação.

P.G. – Eu que agradeço a você e a esse trabalho que irão fazer que acredito ser de extrema importância exatamente para que o projeto tenha seu registro e sua transcendência também na missão de continuidade.

S.G. – Claro. Que fique registrado o que ele foi, para que ele se torne cada vez mais qualificado.

P.G. – Exatamente.

S.G. – Obrigada pela atenção.

P.G. – Eu que agradeço a você.

[FINAL DO DEPOIMENTO]